



Biopolíticas da Comunicação: Contribuições foucaultianas para os estudos de mídia no Brasil¹

Linda **BULIK**²

Universidade de Marília, UNIMAR, Marília, SP

RESUMO

O presente artigo busca resgatar alguns aportes teóricos da obra de Michel Foucault à área de estudos em Comunicação, e, destarte, fornecer pistas de leituras foucaultianas das mídias, que poderiam contribuir para as pesquisas em Comunicação no Brasil e na França. Ao examinar as conexões do pensamento de Michel Foucault no campo comunicacional, o ponto de partida da autora são os conceitos de heterotopia, dispositivo, vontade de verdade e representação, biopoder e biopolítica. Trata-se de perguntar pela relação entre política e vida e indagar se os meios de comunicação não seriam ou poderiam vir a ser esse “outro espaço” ou “outro lugar” de convergência destinado a problematizar a relação entre política e ética.

PALAVRAS-CHAVE: heterotopia; dispositivo midiático; vontade de verdade; biopoder e biopolítica; biopolíticas da comunicação.

RESUME

Cet article cherche racheter quelques apports théoriques de l’oeuvre de Michel Foucault dans le champ des études de la Communication et, ainsi, fournir quelques pistes de lectures foucaultiennes des media qui pourraient contribuer aux recherches en Communication au Brésil et en France. En examinant les connexions de la pensée de Michel Foucault dans le champ de la communication, le point de départ de l’auteur sont les concepts d’hétérotopie, volonté de verité et representation, biopouvoir et biopolitique. Il s’agit ici d’interroger le rapport entre politique et vie et se demander si les moyens de communication ne seraient ou pourraient devenir cet « autre espace » ou « autre lieu » de convergence destiné à discuter la relation entre politique et éthique.

MOTS-CLEFS: hétérotopie ; dispositif mediatique ; volonte de verité ; biopouvoir et biopolitique; biopolitiques de la communication .

¹ Trabalho apresentado no IX Colóquio Brasil-França de Ciências da Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² **Linda Bulik** é Doutora pela Universidade de Paris II (Sorbonne) com Pós-Doutorado na França e na Dinamarca (Paris VIII e Nordisk Theatre Laboratorium) e Jornalista (Ecole des Hautes Etudes Sociales / section Ecole Supérieure de Journalisme). Autora dos livros **Doutrinas da Informação no Mundo de Hoje e Comunicação e Teatro**. Professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Marília – UNIMAR – Marília / SP - Brasil. E-Mail: bulik@sercomtel.com.br



TEXTO DO TRABALHO

Ao completar-se 25 anos da morte de Michel Foucault, ocorrida no dia 25 de junho de 1984, é instigante refletir sobre o potencial de suas idéias na área de Comunicação, para a compreensão dos problemas que afligem o nosso tempo. Este artigo é também o coroamento de um curso ministrado pela autora, este ano, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Marília, durante o qual pôde aprofundar alguns conceitos da obra deste filósofo e seus desdobramentos nos estudos de mídia.

Ponto de partida: a história. Em 1975, Patrick Henry seqüestrou uma criança pretendendo em troca extorquir alguns milhões de francos da família desolada. Após tê-la mantido como refém durante vários dias num hotel de uma cidade do interior da França, matou a criança com um cordão em torno do pescoço. O crime vitimou a população inteira. Vozes se elevaram pedindo o castigo “exemplar”. E o caso Patrick Henry foi objeto de uma dramatização sem precedente durante meses em toda a imprensa. Finalmente, o assassino foi preso, julgado e condenado, em 1977, não à morte, mas à prisão perpétua. A própria sentença – proclamada longe dos clamores pedindo a morte – deu-se num ambiente conturbado. Nesse processo, era a própria história da pena de morte que se encontrava engajada. E a partir daí, todo o sistema judiciário era colocado em xeque não só no meio acadêmico como também na mídia francesa.

O debate: O caso Patrick Henry não era o único e não ocorria somente na França. Michel Foucault era um dos grandes filósofos franceses à época do episódio, com uma atuação universitária internacional. Antes de deixar a Universidade de São Paulo, onde fora professor de Filosofia Contemporânea, declarou que o fazia porque não poderia viver num sistema que vive sob o “jugo das botas”. Questionando as relações entre poder e saber, o papel repressivo das instituições, que funcionam como aparelhos ideológicos do Estado, ele passa a contestar o próprio sistema, não importa que sistema, a idéia mesma de sistema.

Neste contexto, publicou vários livros entre os quais *Surveiller et Punir. Naissance de la Prison* (Vigiar e Punir, história da violência nas prisões. Petrópolis, Vozes, 1977), *Moi, Pierre Rivière, ayant égorgé ma mère, mon frère et ma soeur* (Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão. Rio de Janeiro, Graal, 1977) constituem uma reflexão sobre o universo do crime, a psicologia do criminoso e o



sistema judiciário. Antes disso, já publicara, em 1966, *Les mots et les choses. Une Archéologie des Sciences Humaines* (As palavras e as coisas. Uma Arqueologia das Ciências Humanas. São Paulo, Martins Fontes, 1981), *L'archéologie du savoir* (A arqueologia do saber. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1972) e a aula inaugural no Collège de France - *L'ordre du discours* - pronunciada em 2 de dezembro de 1970 (A ordem do discurso. São Paulo, Loyola, 1996). Para Foucault – humanista moderno – as instituições contém e realizam a idéia de subordinação e encerramento do homem dentro de um certo esquema do qual ele não escapa. Assim é que, para ele, o Sermão de Hipócrates – para citar um exemplo – já continha a idéia de aprisionamento do doente dentro da instituição hospitalar; a Gramática de Port-Royal já anunciava, no século XVI, o sistema repressivo e seletivo da Escola; o discurso judiciário encerra a idéia de prisão.

Mais: Nossa sociedade vive hoje a anomia mais completa, isto é, a contradição entre os sistemas de valores (finalidades coletivas que uma sociedade se atribui) e as normas (os meios de que dispõem esses indivíduos para atingir esses mesmos valores). A anomia é a incapacidade freqüente das sociedades modernas em assegurar a harmonia entre os objetivos de seus membros, o que se exprime pela ruptura da solidariedade no seio de uma sociedade.

A recepção de Foucault, no meio acadêmico brasileiro, começa então nos anos setenta do século XX, com a vinda do filósofo ao Brasil, para proferir conferências na Universidade de São Paulo, na esteira do lançamento de sua obra *Vigiar e Punir*, que antecede e ao mesmo tempo anuncia a efervescência política pela qual o país em pouco tempo passaria. Era o ano de 1977 e o Brasil vivia ainda sob o regime militar.

Quem melhor descreve o quadro em que se dá esta recepção é o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2001:373-380):

O livro vai anteceder em pouco tempo a intensa mobilização política do operariado do ABC paulista, a organização e maior visibilidade de movimentos sociais como o movimento feminista, o movimento negro, o movimento homossexual, além daquelas formas de organização política que haviam se gestado fora das instituições tradicionais da esquerda, muitas delas fruto da atuação de grupos ligados ao setor progressista da Igreja Católica como os movimentos de luta por moradia, por infra-estrutura urbana, pela terra, etc.(...) De múltiplos lugares do social pareciam emergir movimentos de resistência que não se expressavam através das organizações ou da linguagem da esquerda organizada. As confrontações ao poder disseminadas pela sociedade brasileira pareciam confirmar o caráter microfísico de suas relações e a necessidade de se questionar e repensar um poder pensado apenas a partir do modelo da soberania, que via o poder reduzido ao Estado e às instituições que lhe dariam sustentação. A emergência de uma nova



esquerda, crítica do modelo de revolução e transformação social encarnado pelo Estado Soviético, uma esquerda preocupada com aspectos da vida social antes desprezados como de menor importância, por serem considerados irrelevantes como objetos de luta política como: a sexualidade, o desejo, as relações de gênero, o racismo, leva a que a obra de Michel Foucault e suas reflexões sobre o poder e a política sejam avidamente consumidos no Brasil.

Albuquerque Jr. atribui também a descoberta de Michel Foucault às obras pioneiras de autores brasileiros como Roberto Machado e Jurandir Freire Costa, tendo o primeiro organizado, em 1979, uma coletânea de textos de Foucault reunidos sob o título de *Microfísica do Poder*.

A obra de Foucault, neste momento, está atenta, principalmente, para os silêncios que são necessários para que dadas verdades se estabeleçam, se institucionalizem. A produção da verdade implica a produção de silêncios, a produção da memória implica a produção de esquecimentos, por isto a história não é contínua, mas lacunar, descontínua, dispersão de práticas e discursos tornados homogêneos e contínuos. A inclusão de determinados lugares do sujeito na história implica a exclusão e marginalização de outros. A história com Foucault se volta para a produção das margens e dos limites de uma dada configuração histórica. Como se traçam as bordas do permitido e do proibido, do normal e do anormal, da verdade e do erro em dado momento. Foucault é claramente fascinado por estes personagens das margens, por estes seres que se definem pela exclusão, pela excomunhão, estas vozes sem rosto, que gritam, vituperam, amaldiçoam, escarnecem todos as figuras que representam o poder. Personagens que quase sempre não têm voz, que são ditos, descritos e proscritos pelos outros. Personagens cuja sanha provoca, nem que seja por um breve instante, um incômodo à impassividade do poder.

ALBUQUERQUE JR., 1998: 67-86)

Dos anos 1980 para cá expande-se a influência do pensamento do filósofo na produção acadêmica brasileira. Vinte e cinco anos após sua morte, as idéias do intelectual francês estão muito presentes na investigação científica no país. Uma pesquisa realizada por esta autora, no banco de dados da CAPES³, aponta 244 teses de doutorado defendidas entre 2002 e 2008, nos campos da Filosofia, História, Educação, Letras e Linguística, Ciências Sociais, Ciências Jurídicas e Ciências da Saúde. Dez teses têm como objeto de estudo o jornalismo e o cinema, porém apenas uma é da área de Comunicação; as demais foram produzidas em outros Programas de Pós-Graduação. Por outro lado, são 744 dissertações de mestrado, apresentadas no período de 2000 a 2008, nas citadas áreas, das quais 17 apresentam abordagens foucaultianas das mídias, mas somente três foram desenvolvidas nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação.

³ O critério utilizado foi por assunto, no caso Michel Foucault. A CAPES informou um conjunto de teses e dissertações em que seus autores trabalharam com as concepções do filósofo.



A maioria dessas teses e dissertações são oriundas, sobretudo, da Filosofia, Educação, História, Letras e Linguística.

Nesse aspecto, o Brasil não é diferente da França. Segundo Juremir Machado da Silva (2001:172-173), os franceses nunca chegaram a fechar questão sobre o campo da Comunicação – “*uma área disputada, estudada, atravessada por outras disciplinas: sociologia, antropologia, lingüística, filosofia, ciências políticas...*” Por outro lado, pode-se constatar aí um sinal dos tempos marcadamente abertos a conexões e interfaces entre os saberes.

A época atual seria talvez de preferência a época do espaço. Estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo se experimenta, acredito, menos como uma grande via, que se desenvolveria através dos tempos, do que como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama.

(FOUCAULT, 1967)

Neste contexto, é coerente reivindicar a obra de Foucault como referência nos estudos de mídia. Além de profícuo, o legado de Michel Foucault poderia também se manifestar na renovação do campo de investigação das Ciências da Comunicação na medida em que a metodologia foucaultiana permite abordagens dos dispositivos midiáticos, numa ponta, mas possibilita também, na outra ponta, investigar aqueles espaços comunicacionais, que se colocam como heterotopias. Refere-se esta pesquisadora, neste último caso, às *blogspheres*, aos *podcasts*, a comunidades virtuais e mesmo a certas modalidades televisivas ou de jornalismo impresso, que se colocam literalmente como “outro espaço” – “lugar sem lugar” - e que se posicionam longe dos holofotes ou da visibilidade da grande mídia, para ocuparem uma zona cinza, sombria, ocupada em sua maioria por sujeitos comuns ou inclusos nas listas negras de um dado sistema.

Um exemplo dessa heterotopia é o blog do jornalista iraniano Roozbeh Mirebrahimi, condenado pela justiça iraniana a dois anos de prisão e 84 chicotadas por “propaganda contra o sistema”, por “difamação do Supremo Líder” e por “perturbar a ordem pública”. A sentença saiu quando o blogueiro já estava exilado em Nova York – ele fugiu há dois anos do Irã, depois de ficar desempregado nos primeiros dois anos do governo do presidente Mahmoud Ahmadinejad - e hoje está numa lista negra do governo. Tratado como herói na blogosfera iraniana, hoje ele edita um jornal sobre o Irã



no exterior e colabora com a “resistência-cyber”, enviando programas que ajudam a driblar a censura iraniana para seus amigos que ainda estão no país.⁴

As heterotopias são, pois, de acordo com Foucault (1967):

“espaços reais – espaços que existem e que são formados na própria fundação da sociedade – que são algo como contra-sítios, espécies de utopias realizadas nas quais todos os outros sítios reais dessa dada cultura podem ser encontrados, e nas quais são, simultaneamente, representados, contestados e invertidos”.

Porém, ao contrário das utopias, que se definem como não-lugar, as heterotopias são contra-espaços, isto é, lugares reais fora de todos os lugares, que acolhem o imaginário, como o cinema, o teatro, os museus, as bibliotecas, ou aqueles lugares dos quais o corpo social quer distância, como asilos, cemitérios e prisões. Breve, “lugares sem lugar”, como o ciberespaço, pois “*as sociedades sempre podem transformar suas heterotopias, inventar novas ou tentar fazer desaparecer as antigas*” (*idem ibidem*).

Já o dispositivo, como o próprio nome sugere, é aquilo que dispõe ou contém ordem, regra ou lei. Em outras palavras, mecanismo disposto para se obter certo fim. Conjunto de meios planejadamente dispostos com vista a um determinado fim.

Por outro lado, as mídias aparecem tanto como aparatos técnico-tecnológicos quanto como lugares de produção, distribuição e circulação de representações e discursividades, podendo enquadrar-se como dispositivos da trilogia saber-poder-verdade.

O dispositivo é um mecanismo de poder de ordem institucional, física ou administrativa, podendo se manifestar no enunciável e no visível. Em outras palavras: “discursos, instituições, arranjos arquitetônicos, regulamentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, regulamentos morais, instituições e disposições filantrópicas, em suma, tanto o dito quanto o não dito” (FOUCAULT, 1994, p. 299 *apud* SILVA, 2001:43). Nos estudos comunicacionais, o dispositivo discursivo é o que tem sido mais explorado, na tentativa de dar conta dos vários níveis que operam e que devem ser considerados nas investigações dos processos midiáticos.

Alguns autores utilizaram o conceito de dispositivo, em seus estudos, estabelecendo relação entre algumas de suas dimensões. KLEIN (2007:3-4) destaca o conceito de “dispositivo de conversação” empregado por José Luiz Braga (1994), o

⁴ Conforme relata a *Folha de São Paulo* em sua edição de domingo, 28 de junho de 2009.



dispositivo multidimensional de Adriano Duarte Rodrigues (2001), os dispositivos de Maurice Mouillaud (1997) acentuando relações entre operações técnicas e semiolinguísticas, os dispositivos socioantropológicos de Jacques Aumont (1995) e o técnico-tecnológico tal qual concebido por Patrick Charaudeau (1997), para quem o dispositivo é a tecnologia enquanto mediação, através da qual os meios (materiais significantes) são colocados em relação aos suportes físicos que carregam a mensagem – autores estes analisados sob este aspecto por Ferreira (2006), para quem, no dizer de Klein, “só uma reflexão multidimensional, que leve em conta idênticas proporções entre as diversas dimensões, pode dar conta desse lugar para além do descritivo”, o que significa “identificar movimentos dialéticos e interações entre diferentes dimensões do dispositivo”:

A dimensão socioantropológica do dispositivo midiático significa estar atento a tudo que é humano e social na comunicação midiática e que participa do processo produtivo. Por um lado, estão os sujeitos que são midiaticizados, sua cultura, sua vida, suas ações e suas instituições..., mas por outro, estão os agentes midiáticos, sua formação, sua cultura e as instituições midiáticas envolvidas.

Na dimensão semio-linguística do dispositivo, são destaque as operações de linguagem que participam da midiaticização, as quais oferecem múltiplas possibilidades de articulação ou desarticulação, bem como regras que criam significados por meio da utilização de códigos e símbolos que são organizados a partir dos enunciadores.

O dispositivo enquanto dimensão técnico-tecnológica é o mais destacado nos estudos comunicacionais, especialmente quando se refere à produção e circulação de imagens. O dispositivo, enquanto técnica, diz respeito às operações realizadas, e enquanto tecnologia, aos suportes tecnológicos, ou seja, as máquinas, os equipamentos e instrumentos utilizados nos processos de comunicação.

(KLEIN, 2007:4)

Para Maurice Mouillaud (1997: 85), os dispositivos não são apenas aparelhos tecnológicos de natureza material. O dispositivo não é o suporte inerte do enunciado, mas um local onde o enunciado toma forma. Os dispositivos da mídia também não exercem o simples papel de contextos. Este autor se atém a analisar então o nome do jornal, a manchete e os títulos, o sistema das citações e os suplementos literários.

A estes pode-se acrescentar outros autores, como Rosa Maria Bueno Fischer (2004), para quem

estudar materiais da mídia e respectivas práticas de veiculação e recepção, ao modo foucaultiano, diz respeito à produção de pensamento sobre o que se pode ver e o que se pode dizer numa determinada época, sobre continuidades e descontinuidades das coisas ditas num certo tempo e lugar, sobre modos de subjetivação desviantes e modos capturados pelas redes de poder e saber.

(...)



Ora, quando proponho que se faça uma análise do discurso da mídia que dê conta do discursivo e do não-discursivo, estou me referindo a uma opção investigativa que se ocupe do visível e do enunciável de determinados discursos veiculados na mídia contemporânea; ou seja, considerando os diferentes níveis de uma análise de produtos televisivos, imagino que seja possível descrever certos discursos de nosso tempo, numa operação que faça emergir a complexidade do que tenho chamado de "dispositivo pedagógico da mídia" (...), com suas técnicas e estratégias específicas de interpelação dos sujeitos. Mas o que seria exatamente o "visível" e o que seria o "enunciável", em se tratando de programas de tevê, eleitos por nós como "documentos"?

(FISCHER,2004:1-3)

O "dispositivo pedagógico da mídia" é definido por ela como “um aparato discursivo e ao mesmo tempo não-discursivo a partir do qual haveria formas muito particulares de produção do sujeito contemporâneo” (Fischer, 2000, p. 115).

Vimos que a apropriação do conceito foucaultiano de dispositivo, nos estudos de mídia, privilegia a relação entre práticas discursivas e não discursivas, entre o texto e o contexto, entre o dito e o não dito, todavia, podem-se estabelecer outras, que examinem as relações de poder desempenhadas na comunicação em seus aspectos ideológicos, políticos e comportamentais, etc.

Tão ou mais relevante que os dispositivos é a indagação de Foucault sobre a verdade uma vez que se trata de um objeto central da reflexão filosófica e ao mesmo tempo princípio ético de diversos saberes comunicacionais, que postulam a “vontade de verdade”, como é o caso do jornalismo. Trata-se, de fato, de afastar-se

do solo dogmático das “verdades”, das certezas, para substituir (...) o “menos” verossímil pelo “mais” verossímil: (...) entre verossimilhanças, o que implica o afastamento com relação à vontade de verdade, (...) foi relegado ao reino não-sério do mimético: a “verossimilhança”, o jogo acentrado de perspectivas, que adere sempre às aparências, furtando-se a qualquer impulso dogmatizante. (...) Se não desacredita uma hipótese como “falsa”, colocando uma “verdadeira” em seu lugar, aposta na possibilidade de um “avanço” do “menos” verossímil para o “mais” verossímil, ou, como afirma Nietzsche - radicalizando sua distância com relação à “verdade” – de um “erro” para outro.

(FERRAZ, 2005: 75)

Em 1970, em sua aula inaugural do *Collège de France – L’Ordre Du Discours* (A Ordem do Discurso) -, começa a interrogar os sistemas de exclusão e rarefação que envolvem toda enunciação discursiva, perguntando-se quem pode dizer algo e sob quais condições institucionais. Passa então a questionar as relações intrínsecas entre saber-



poder-verdade. Para ele, a vontade de verdade apóia-se numa base e uma distribuição institucional:

ela é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas como a pedagogia, é claro, como o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades de sábios outrora, os laboratórios hoje. Mas é também reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e, de certa forma, atribuído. Evoquemos aqui, apenas a título simbólico, o antigo princípio grego: a aritmética pode bem ser tratada nas sociedades democráticas, pois ela ensina as relações de igualdade, mas a geometria somente deve ser ensinada nas oligarquias, pois demonstra as proporções na desigualdade.

(...)

Dos três grandes sistemas de exclusão que incidem sobre o discurso, a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade, foi do terceiro que falei mais longamente. (...) é que se os dois primeiros se tornam cada vez mais frágeis, mais incertos, na medida em que são agora atravessados pela vontade de verdade, esta, em contrapartida, não cessa de se reforçar, de se tornar mais profunda e mais incontornável.

E, contudo, é dela sem dúvida que menos se fala. Como se para nós a vontade de verdade e as suas peripécias fossem mascaradas pela própria verdade em seu desenrolar necessário. E a razão disso talvez seja esta: é que se o discurso verdadeiro não é mais, com efeito, desde os gregos, aquele que responde ao desejo ou aquele que exerce o poder, na vontade de verdade, na vontade de dizer esse discurso verdadeiro, o que está em jogo, senão o desejo e o poder? O discurso verdadeiro, que a necessidade de sua forma liberta do desejo e libera do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade que o atravessa; e a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascarar-la.

(FOUCAULT, 1996: 17-20)

Os indicadores de verdade são encontrados nos princípios do comentário, do autor e da disciplina. Se o comentário surge como narrativa do fato que se pretende ser a expressão ou a representação da realidade, se não tem outro papel, “sejam quais forem as técnicas empregadas, senão o de dizer *enfim* o que estava articulado silenciosamente no *texto primeiro*” (*idem, ibidem*, p. 25), o comentário se realiza no paradoxo de dizer pela primeira vez aquilo que já havia sido dito e repetir incansavelmente aquilo que nunca havia sido dito. A atribuição de autoria torna-se, na Idade Média, indispensável, pois, segundo Foucault, era um indicador de verdade, na literatura, filosofia e ciência. O autor conferia valor científico a uma proposição e em que pese esta função do autor enfraquecer-se a partir do século XVII, ela só faz desde então reforçar-se na ordem do discurso literário e – acrescentaria aqui – ficcional. Já a disciplina se impunha como domínio de objetos, um conjunto de métodos, um corpo de proposições consideradas



verdadeiras, um jogo de regras e de definições, de técnicas e de instrumentos cujo escopo é formular indefinidamente novas proposições.

O comentário limitava o acaso do discurso com o jogo de uma *identidade* que tinha a forma da *repetição* e do *mesmo*. O princípio do autor limita esse mesmo acaso com o jogo de uma identidade que tem a forma da *individualidade* e do *eu*.

(...)

A disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Fixa-lhe limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras.

Tem-se o hábito de ver na fecundidade de um autor, na multiplicidade dos comentários, no desenvolvimento de uma disciplina, recursos infinitos para a criação dos discursos.

(...) um terceiro grupo de procedimentos que permitem o controle dos discursos (...) trata de determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam um certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles. Rarefação, desta vez, dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo.

(FOUCAULT, 1996: 29-37)

Basta observar, nos dispositivos midiáticos, algumas práticas discursivas que consistem em ora ressaltar a função do autor e do comentário, ora – paradoxalmente – em promover os procedimentos de controle e apagamento da autoria, recorrentes na retórica da informação midiática, e particularmente das agências de notícias e da imprensa escrita. Exemplos disso são os fenômenos de “*guillemetage*” e “reescrituras”, que intervém não com o objetivo de dar voz ao seu autor, mas de escamoteá-la. MOUILLAUD (1997) analisou o sistema de citações e mostrou como a imprensa realça as fontes do mundo político, social, econômico, cultural, esportivo e outras enquanto “as vozes que estão na fonte da informação permanecem com frequência apagadas” (p. 118), como é o caso das agências noticiosas, que sempre preferiram permanecer escondidas, para evitar controvérsias ou constrangimentos.

Por outro lado, este artigo não objetiva aprofundar-se na concepção de M. Foucault sobre a verdade.. O que interessa aqui é explorar a atualidade da análise foucaultiana. Se a verdade se sustenta como uma das dimensões em jogo do jornalismo, não há como negar que “ não há verdade fora do poder ou sem o poder, pois toda a verdade gera efeitos de poder e todo o poder se ampara e se justifica em saberes considerados verdadeiros”. (DUARTE, 2009: 46).



Ao problematizar os sintomas da nossa cultura, Foucault lança um olhar microscópico sobre as múltiplas relações de poder presentes nas instituições sociais nas quais se forjou o indivíduo disciplinado e normalizado.

Por outro lado, fugindo à tópica do poder repressor, Foucault descobriu que os micro-poderes disciplinares exerciam seus efeitos positivos e discretos sobre o corpo dos indivíduos visando transformá-lo num corpo dócil e útil, segundo a conhecida fórmula de *Vigiar e punir*. Com as pesquisas genealógicas, Foucault se propôs a investigar como se produziu o indivíduo moderno, o sujeito sujeitado e disciplinado em seus gestos, comportamentos, discursos, etc.

Se o ponto de partida da genealogia foucaultiana do poder foi a descoberta dos micro-poderes disciplinares que visavam à administração do corpo individual, seu ponto de chegada foi a descoberta do biopoder e da biopolítica.

(DUARTE, 2009: 47)

Biopoder refere-se à prática dos estados modernos e sua regulação dos que a ele estão sujeitos por meio de "uma explosão de técnicas numerosas e diversas para obter a subjugação dos corpos e o controle de populações". O conceito de biopolítica é um dos principais legados teóricos de Foucault, que empregou o termo para designar as transformações sociais, políticas e epistemológicas, que a partir de meados do século 19 conduziram à mudança de paradigma na sociedade, onde a informação é usada no controle dos processos da vida, ocorrendo nessa passagem uma estatização do biológico. Os dispositivos informacionais englobam códigos biológicos (átomos e moléculas que formam o material genético, nanopartículas que compõem a matéria viva); informação digital (a estrutura binária, código numérico da linguagem dos computadores); e a comunicação (como sistema, como mídia, como tecnologia).

É sabido que o pensamento científico substitui a opinião pela verdade. Francisco Javier Guerrero Ortega (2004) chama a atenção para o fato de que a política é o campo do confronto das opiniões, do diálogo, da iniciativa, do novo, da espontaneidade e da ação em liberdade enquanto o pensamento biopolítico legitimado cientificamente é o espaço da verdade, da certeza, da necessidade, do determinismo e da causalidade, no qual o diálogo é substituído por uma política da autoclausura, de amigos e inimigos. Ortega considera ainda que a redução da pluralidade de opiniões a uma única opinião politicamente correta é outro traço antipolítico fundamental dos grupos organizados biopoliticamente, pois como afirma Lucien Sfez :



A saúde deixou de ser a "vida no silêncio dos órgãos", usando a expressão feliz de Leriche. Ela exige autoconsciência de ser saudável, deve ser exibida, afirmada continuamente e de forma ostensiva, constituindo um princípio fundamental de identidade subjetiva. A Saúde perfeita tornou-se a nova utopia apolítica de nossas sociedades. Ela é tanto meio quanto finalidade de nossas ações. Saúde para a vida. Mas também viver para estar em boa saúde. Viver para fazer viver as biotecnologias. Assim, a nova moral que estrutura a biopolítica da saúde é a moral do bem-comer (sem colesterol), beber um pouco (vinho tinto para as artérias), ter práticas sexuais de parceiro único (perigo de AIDS), respeitar permanentemente sua própria segurança e a do vizinho (nada de fumo). Trata-se de restaurar a moralidade plugando-a de novo no corpo. O controle sobre o corpo não é um assunto técnico, mas político e moral.

(SFEZ, 1996, p.68)

Como assinala Francisco Ortega, a repolitização da saúde possibilitou a criação de uma forma de sociabilidade apolítica, a que ele chama de biossociabilidade, para distinguir da biopolítica estatal clássica, constituída por grupos de interesses privados, não mais reunidos segundo padrões tradicionais de agrupamento como classe, estamento, orientação política, mas conforme a critérios de saúde, desempenho físico, doenças específicas, longevidade etc.

Nessa cultura da biossociabilidade, criam-se modelos ideais de sujeito baseados na performance física e estabelecem-se novos parâmetros de mérito e reconhecimento, novos valores com base em regras higiênicas e regimes de ocupação de tempo. As ações individuais passam a serem dirigidas com o objetivo de obter melhor forma física, mais longevidade, prolongamento da juventude etc. Na biossociabilidade, todo um vocabulário médico-fiscalista baseado em constantes biológicas, taxas de colesterol, tônus muscular, desempenho corporal, capacidade aeróbica populariza-se e adquire uma conotação 'quase moral' ao fornecer os princípios de avaliação que definem a excelência do indivíduo, antes medida de acordo com o desempenho na esfera pública ou na esfera privada e familiar. Ao mesmo tempo todas as atividades sociais, lúdicas, religiosas, esportivas, sexuais são resignificadas como práticas de saúde (Luz, 2000, 2001). O que alguns autores denominaram de *healthism* ou *bodyism*, e que pode ser traduzido como a ideologia ou a moralidade da saúde e do corpo perfeito, exprime essa tendência. *Healthism* é a ideologia, a forma que a medicalização adquire na biossociabilidade.

(ORTEGA, 2004: p. 9-20)

Ora é justamente essa ideologia do *healthism* ou *bodyism* que toma conta dos meios de comunicação. Só em 2009, a Central Globo de Produções veiculou dez programas do *Globo Repórter* à força dos alimentos na saúde dos cidadãos. No dia 10 de abril do mesmo ano, uma sexta-feira da paixão, anunciou: “Fantástico vai mostrar o que os apóstolos comeram na Santa Ceia” - receitas apresentadas em detalhe pelo padre Marcelo Rossi, no quadro Repórter por um dia.

No dia 29 de maio, na esteira das celebrações do Ano da França no Brasil, sob o mote – “Como as mulheres francesas não engordam comendo de tudo?” - a reportagem



se esmerou em dar conta do tema ao mostrar a escritora Mireille Guiliano ensinando que a pessoa que quer ter boa saúde precisa cozinhar e que, no caso, “menos é mais, só não se deve economizar na variedade dos alimentos”. Neste mesmo programa, mostrou-se ainda o sucesso de um criador de ovelhas, alimentadas com linhaça, as descobertas do médico francês David Serban-Schreiber que criou uma fórmula de vida contra o câncer, os movimentos que dão energia e afastam as doenças, pães que carregam saúde e os benefícios do vinho. Tudo ao som do acordeon e da java e de imagens que remetem à iconografia de uma França que faz sonhar.

Antes disso, em edições anteriores, o *Globo Repórter* já havia decantado os benefícios do consumo do vinho para a saúde ao mostrar os tintos do Uruguai que ajudam a evitar doenças. Em junho, outro *Globo Repórter* divulgou uma longa reportagem sobre a produção de alimentos saudáveis e ricos em nutrientes, capazes de fazer baixar o colesterol ou ainda promover o combate a certas doenças graças ao consumo da linhaça e da quinoa.

No dia 3 de julho de 2009, foi a vez do “poder dos grãos na alimentação” : o amaranto e o feijão de corda foram apresentados como poderosos no combate ao colesterol, ao câncer e outras doenças. O impacto desse programa se fez sentir imediatamente. No dia seguinte, a procura por esses alimentos havia se intensificado de tal maneira que haviam desaparecido das prateleiras da rede de supermercados de Curitiba e já não era mais encontrado no Mercado Municipal da cidade. O que mais chama a atenção, nesses programas, são os dispositivos discursivos verbal e visual, incrementados pelas trilhas sonoras as quais ajudam a comunicar a idéia que se quer transmitir - a eficácia dos produtos.

Assim é que o *Globo Repórter* pode ser analisado como um dispositivo informacional da saúde ou dispositivo *healthista* midiático em consonância com as biopolíticas da saúde que desta forma passam a ser incorporadas também como biopolíticas da comunicação.

Trata-se – como assinala Fischer (2004: 6) - da operação da TV como produtora de verdades, de modos "verdadeiros" de ser, lugar por excelência de visibilidade de inúmeras visibilidades, ao mesmo tempo como lugar passível de escapes, de ditos que fogem aos poderes.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tratou-se de examinar os conceitos foucaultianos de heterotopia, dispositivo, verdade, biopoder e biopolítica em relação com a comunicação.

A chave do poder não é a disciplina e sim a normalização e politização da vida. É na relação entre esta biopolítica e os diversos dispositivos de poder que encontramos o funcionamento do poder. Este, desde sempre, elegeu a vida como um eixo em torno do qual ele sempre girou, como Michel Foucault acertadamente desnudou em sua obra. O tempo não fez mais do que lhe dar razão. A política da vida constitui o grande debate atual.

Essa ideologia ou moral biológica é reproduzida pelos dispositivos midiáticos, que consistem de práticas pluri-sígnicas colocadas em jogo pela indústria cultural, com o intuito de “vender” uma imagem de elegância, um “ideal” de beleza, uma “ideologia” de saúde ou de “monstrar”, em situação oposta, na contramão do biopoder, situações das quais a sociedade quer distância, como a epidemia de gripe suína, a AIDS, os casos de incesto, o parricídio e o infanticídio. Paradoxalmente, esses mesmos mecanismos midiáticos podem funcionar também para edulcorar a realidade, fazendo aquilo que Foucault chamou um dia de normalização da vida, mostrando, por exemplo, como grupos de idosos e portadores de deficiências físicas e mentais podem viver bem em espaços especialmente construídos para eles., mas, que de fato, os isolam ainda mais.

Por outro lado, existe no corpo social movimentos de resistência ao biopoder sob a forma de lutas pelo direito à vida, à saúde, ao corpo, à higiene, ao bem-estar e à satisfação das necessidades. A biopolítica precisa da resistência ao dispositivo biopolítico para poder se desenvolver. O surgimento de grupos organizados sinaliza uma consciência dos cidadãos que se rebelam contra a imposição de uma ideologia que os marginaliza, os despreza, e ao mesmo tempo a organização desses grupos constitui em si mesmo uma manifestação de resistência a essa imposição ideológica.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *Michel Foucault: a contribuição para a historiografia brasileira*. In: Marcelo Ferreira de Andrades. (Org.). Editora Vozes: 100 anos de história. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 2001, v. , p. 373-380.
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *Os “Maus Costumes” de Foucault*. Assis, Pós-História, v.6, 1998, pp. 67-86.
- AUMONT, Jacques. "A parte do dispositivo". In: *A imagem*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1995, p. 135-195.



- CASTRO, Edgardo. **El vocabulario de Michel Foucault**: un recorrido alfabético por sus temas, conceptos y autores. Ed. Prometeo y la Universidad Nacional de Quilmes, 2006.
- DUARTE, André. **Modernidade, biopolítica e violência**. Revista Trópico – Idéias De Norte A Sul - 02-01-2003. **Fonte:** <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/1558,1.shl>
- DUARTE, André. “*Foucault no século 21*”. CULT n° 134. Abril 2009.
- FERRAZ, Maria Cristina Franco. “*Contribuições do pensamento de Michel Foucault para a Comunicação*”. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo – Volume XXVIII, n° 2, julho/dezembro de 2005. p. 69-83.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. *O visível e o enunciável no dispositivo pedagógico da mídia: contribuição do pensamento de Foucault aos estudos de comunicação*. Trabalho apresentado no Seminário Internacional Foucault - Perspectivas (Simpósio I, Foucault e a comunicação”, coordenado pela professora Beatriz Marocco. Seminário realizado na UFSC, em Florianópolis (SC), no período de 22 a 24 de setembro de 2004, sob a coordenação geral da UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina.
- FOUCAULT, Michel. “*As heterotopias*” - Conferência no Círculo Francês de Estudos Arquitetônicos realizada em 1967.
- FOUCAULT, Michel. **Les mots et les choses** – Une archéologie des sciences humaines. Paris, Gallimard, 1966. (Coll. Tel, 166)
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, Vozes, 1977.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro, Graal, 1980 [14ª Ed., 2001]
- FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits, III**. Paris: Gallimard, 1994.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo, Loyola, 1996. [8ª ed.: julho de 2002]
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, Graal, 2008. (26ª ed).
- KLEIN, Otavio José . A gênese do conceito de dispositivo e a sua utilização nos estudos midiáticos. Estudos em Comunicação - Communication Studies, v. 1, p. 1-17, 2007.
- MACHADO, Roberto. **Ciência e Saber - A trajetória da Arqueologia de Michel Foucault**. Rio de Janeiro, Graal, 1982.
- MOUILLAUD, Maurice. O Nome do Jornal. In: MOUILLAUD, Maurice e PORTO, Sérgio Dayrell (org.) **O JORNAL – Da forma ao sentido**. Brasília, Paralelo, 1997. (Col. Comunicação, 2)
- ORTEGA, Francisco Javier Guerrero Ortega. “*Biopolíticas da saúde: reflexões a partir de Michel Foucault, Agnes Heller e Hannah Arendt*. Interface – Comunicação, Saúde e Educação. Botucatu, São Paulo, vol.8, n° .14 , p. 9-20. Set./Fev.2004. ISSN 1414-3283
- SILVA, Juremir Machado da. “*O pensamento contemporâneo francês sobre a comunicação*”. In: HOHLFELDT, Antonio, MARTINO, Luiz C. e FRANÇA, Vera Veiga. (ORGS.) **Teorias da Comunicação**. Petrópolis, Vozes, 2001.
- SFEZ, L. **A saúde perfeita**: crítica de uma nova utopia. Loyola: São Paulo, 1996.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação. Um vocabulário crítico**. Belo Horizonte, Autêntica., 2000.